

Boletim Semanal* – 33/2023 – 24 de agosto de 2023

LEITE

** Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva*

A importação de lácteos, que vinha crescendo mês a mês desde abril, foi freada no mês de julho. Dados do Agrostat apontam que 23,4 mil toneladas de derivados lácteos foram importadas no sétimo mês do ano, ante 27,4 mil toneladas no mês anterior. Ainda assim, no acumulado do ano até aqui, o volume importado supera em 260% o total do mesmo período de 2022.

O grande volume de importações vem sendo uma das principais reclamações dos produtores brasileiros, citado (juntamente com a fraca demanda) como o grande influenciador da queda no preço pago ao produtor rural. Em julho, o produtor paranaense recebeu, em média, R\$ 2,71 por litro de leite posto na indústria, valor 10% menor que o recebido no mesmo mês do ano passado.

FRANGO

** Méd. Veterinário Roberto de Andrade Silva*

Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), no acumulado de janeiro a julho, as exportações de carne de frango totalizaram 3,061 milhões de toneladas, volume 8,2% maior que aquele

registrado em 2022, com 2,828 milhões de toneladas. Em receita, as vendas do setor nos sete meses de 2023 chegam a US\$ 6,027 bilhões, desempenho 7,2% maior que o total registrado em 2022, com US\$ 5,620 bilhões.

Em julho do ano corrente, as exportações brasileiras de carne de frango (considerando todos os produtos, entre in natura e processados) totalizaram 432,1 mil toneladas, superando em 6,6% o volume vendido em igual mês de 2022 (405,3 mil toneladas). A receita gerada pelos embarques chegou a US\$ 858,7 milhões, número 3,7% menor que o registrado no mesmo período do ano passado, com US\$ 892 milhões.

Principal destino das exportações de carne de frango do Brasil, a China importou 50,8 mil toneladas no mês de julho, número 35% superior ao registrado no mesmo período do ano passado. Em seguida vieram os Emirados Árabes Unidos, que importaram 46,4 mil toneladas (+23%) e Japão, com 37,5 mil toneladas (+7%), e África do Sul, com total de 25,7 mil toneladas (+73%).

Maior exportador do Brasil, o Paraná embarcou 179,3 mil toneladas em julho, número 14,6% maior em relação ao mesmo

Boletim Semanal* – 33/2023 – 24 de agosto de 2023

período de 2022. Em segundo lugar, Santa Catarina exportou 90,3 mil toneladas (+3,4%). Em seguida, vieram Rio Grande do Sul, com 63,8 mil toneladas (+3,5%), São Paulo, com 23 mil toneladas (-3,1%), Goiás, com 18,9 mil toneladas (+12,9%) e Mato Grosso do Sul, com 13,5 mil toneladas (-1,7%).

PERU

** Méd. Veterinário Roberto de Andrade Silva*

Segundo o Agrostat Brasil / MAPA, no primeiro semestre de 2023, a exportação nacional de carne de peru atingiu 35.657 toneladas, resultando num ingresso de divisas da ordem de US\$ 110,127 milhões. Assim, registra-se uma alta de 40,5% (volume) e 31,5% (receita cambial) sobre igual período do ano anterior (volume: 25.387 toneladas e receita cambial: US\$ 83,843 milhões).

No acumulado de janeiro a junho de 2023, os principais estados produtores e exportadores foram: 1º – Santa Catarina (US\$ 38,897 milhões e 11.499 toneladas), 2º – Rio Grande do Sul (US\$ 46,227 milhões e 13.258 toneladas), e, 3º - Paraná (US\$ 24,953 milhões e 8.890 toneladas).

No ano anterior, o Paraná apresentou os seguintes números: faturamento: US\$ 2.455.831 e volume: 670 toneladas. Em relação ao ano anterior, os dois principais estados apresentaram situações distintas em relação ao volume exportado: Rio Grande do Sul (- 2,9%) e Santa Catarina (+ 22%).

O preço médio alcançado pela carne de peru “in natura” (88,2% do total exportado: 35.657 toneladas) foi de US\$ 2.805,65/t, 15,06% menor que o valor médio de US\$ 3.303,20/t, obtido no ano anterior.

Considerando-se os principais destinos das 35.657 toneladas exportadas no primeiro semestre de 2023, os destaques foram (volume: toneladas e receita cambial): 1º - México (9.936 e US\$ 38,191 milhões), 2º- África do Sul (6.215 e US\$ 10,308 milhões), 3º- Países Baixos (5.589 e US\$ 28,282 milhões), 4º- Peru (2.595 e US\$ 5,048 milhões), 5º- Chile (2.046 e US\$ 8,666 milhões), e, 6º- Benin (1.147 e US\$ 1,841 milhão).

FUNGICULTURA

** Méd. Veterinário Roberto de Andrade Silva*

São vários os tipos de cogumelos mais consumidos e produzidos no Brasil,

Boletim Semanal* – 33/2023 – 24 de agosto de 2023

destacando-se o Champignon de Paris (*Agaricus bisporus*), o Shiitake (*Lentinula edodes*), o Shimeji (*Pleurotus ostreatus*): (em variações branco e preto). E outras espécies do gênero *Pleurotus* conhecidos como shimeji ou hiratake, quando atingem grandes formas, de cor de rosa (*Pleurotus djamor*) e amarelo (*Pleurotus citrinopileatus*).

No território paranaense também se cultiva o cogumelo *Agaricus blazei*, que segundo a Associação Nacional de Produtores de Cogumelos (ANPC), é mundialmente apreciado por suas qualidades gastronômicas e especialmente por suas propriedades medicinais, sendo conhecido comumente por várias denominações, tais como, “Cogumelo Medicinal”, “Champignon do Brasil”, “Royal Sun *Agaricus*”, “The Brazilian Medicinal Mushroom” e no Japão “Himematsutake. O *Agaricus blazei*, no Brasil, é conhecido popularmente como cogumelo-do-sol, sendo inicialmente cultivado apenas em canteiros desprotegidos no campo, daí derivando-se o nome. É nativo do Brasil, originário das regiões serranas da Mata Atlântica do sul do Estado de São Paulo, sendo que na década de 1970 foi levado para o Japão, onde suas propriedades

medicinais começaram a ser estudadas. (Ereno, Dinorah - Pesquisa Fapesp, 2004).

De acordo com a SEAB/DERAL/DEB, em 2021, produziu-se no Paraná 1.065 toneladas de cogumelos comestíveis, sendo 1.047 toneladas (Champignon de Paris) e 18 toneladas (Shiitake), resultando num valor de R\$ 14,349 milhões. Em 2022 a produção paranaense de cogumelos atingiu cerca de 800 toneladas, gerando um valor bruto da produção de R\$ 15,054 milhões, porém é possível afirmar que são números subestimados. Os Núcleos Regionais da SEAB que cultivaram tais tipos de cogumelos, foram: Curitiba, Ponta Grossa, Guarapuava, União da Vitória, Irati, Londrina, Cornélio Procópio e Umuarama, destacando-se a primeira e a segunda regiões.

FRUTAS DE CAROÇO

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

Em 2022 foram comercializadas 17,6 mil toneladas de Frutas de Caroço - Pêssego, Ameixa e Nectarina -, nas Centrais de Abastecimento do Paraná – Ceasa's/PR; gerando uma movimentação financeira de R\$ 104,3 milhões de reais.

Boletim Semanal* – 33/2023 – 24 de agosto de 2023

Até a data corrente em 2023 estes números chegam a 5,9 mil toneladas e R\$ 43,0 milhões transacionados, representando 33,3% dos volumes e 41,2% dos valores do ano anterior, com uma safra nacional de pêssegos em início de colheita.

Se em 2022 o Pêssego representou 57,8% dos numerários praticados, na parcial deste ano abarca 45,6%, enquanto a Ameixa em 2023 aquinhoa 48,6% do montante frente aos 36,2% pretéritos. Por sua vez a Nectarina gravita em 6,0% dos negócios financeiros no ano passado e, em 2023, 5,8% até o presente.

A oferta de Pêssegos e Nectarinas se intensifica a partir de outubro, enquanto a Ameixa tem volumes crescentes e uma maior disponibilidade a partir de dezembro.

TRIGO E MILHO

**Eng. Agrônomo Carlos Hugo Godinho*

As semanas anterior e corrente foram majoritariamente de sol no Paraná, favorecendo o avanço da colheita. O trigo registrou 4% de área colhida, ante 1% na semana anterior, porém as produtividades obtidas têm sido decepcionantes. Apesar dos trigos precoces normalmente serem colhidos com rendimentos menores, a incidência de brusone tem diminuído ainda

mais as médias, especialmente no Oeste do Estado.

Por outro lado, essa mesma região tem registrado produtividades acima da média para o milho. A segunda safra do cereal registrou um avanço de 14% neste levantamento mais recente em comparação com a semana anterior. O número continua bastante aquém da média dos últimos 5 anos (76%) em virtude do plantio tardio, mas o avanço significativo é comemorado pelos produtores. O mesmo não se pode dizer dos preços, que não se recuperaram e continuam sendo um desafio para a comercialização do produto recém-colhido.

Os preços de ambas as culturas estão abaixo do mínimo estipulado pelo governo federal, baseado nos custos de produção de alguns meses atrás, e indicam uma possível intervenção. No caso do milho, a Conab estipula um valor de R\$ 55,20 por saca, ante preços médios praticados no mercado de R\$ 44,00 na maioria das praças. Para o trigo, os valores mínimos para a saca são de R\$ 87,77, ante R\$ 60,00 no mercado.

As estimativas de área e produtividade destas culturas serão atualizadas no dia 31/08, junto ao levantamento mensal de agosto. Esse

Boletim Semanal* – 33/2023 – 24 de agosto de 2023

relatório também trará os primeiros números da safra 23/24, que já teve seu plantio iniciado em meados deste mês. Inclusive, os primeiros indicativos são de que os preços do milho desestimulem o seu plantio, favorecendo uma abrangência ainda maior da soja, que domina a primeira safra com mais de 90% da área destinada a grãos.

FEIJÃO

** Economista Methodio Groxko*

A segunda safra de feijão foi de certa forma satisfatória, apesar de alguns problemas enfrentados com o clima, principalmente no início do plantio com excesso de chuva e déficit hídrico durante o mês de maio. Durante o período da colheita, também houve alguns problemas com registro de vários dias de chuva, o que resultou em perda de qualidade do feijão.

A área plantada na segunda safra foi de 292 mil hectares e a produção obtida de 496 mil toneladas de feijão. Esses resultados representam uma redução de 15% com relação à área do ano passado e 13% na produção. Assim mesmo, apesar desta redução, pode-se afirmar que a safra foi praticamente normal se comparada aos anos anteriores que registravam perdas superiores a 20%.

A comercialização continua bastante lenta e os preços durante as últimas semanas se apresentam estáveis. No período de 14 a 18 de agosto de 2023, o produtor recebeu em média R\$ 188,00/sc de 60 kg pelo feijão de cor, com redução de 1,5% frente à semana anterior. Já o tipo preto foi comercializado na faixa de R\$ 220,00/sc de 60 kg, com valor igual ao período considerado. Como se observa, o feijão preto está mais valorizado em relação ao branco ou de cores. Esta diferença deve-se basicamente à grande oferta de feijão de cores, pois na 2ª safra normalmente a produção do tipo preto se limita apenas ao estado do Paraná.